

MAIS DE 20 PAÍSES PARTILHAM EXPERIÊNCIAS SOBRE A DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS E GOVERNAÇÃO DURANTE A 4ª EDIÇÃO DO SIMPOSIO ACTIVISTA EM MAPUTO



Durante os três dias, o Activist Symposium 2026 reuniu cerca de 100 activistas, defensores de direitos humanos, organizações da sociedade civil e outros actores de mais de 20 países diferentes para reflectir sobre os desafios do activismo, da democracia, da participação cidadã e da defesa dos direitos humanos.

Organizado pela Plataforma DECIDE, em parceria com Wits University, CALS, Right2Protest, CIVICUS e outras Organizações Não Governamentais, o procurou transformar conhecimento e experiências em redes de solidariedade e acção.

Uma das questões de reflexões debatidas, que foi objecto fundamental das discussões foi; para que serve a democracia e como está ela a ser vivida pelas comunidades? A reflexão destacou que a defesa da democracia não deve depender de simpatias, interesses individuais ou posicionamentos circunstanciais. A democracia exige participação activa, capacidade de organização, solidariedade e envolvimento dos cidadãos nos processos que afectam as suas vidas.

Neste contexto, foi também reforçada a ideia de que o activismo não acontece apenas dentro dos escritórios das organizações, pois o activista está nas ruas,

as comunidades e junto das populações, acompanhando problemas, ouvindo preocupações, documentando situações e procurando contribuir para respostas concretas.

Por outro lado as experiências partilhadas durante o simpósio mostraram que o trabalho dos defensores de direitos humanos pode envolver riscos significativos, particularmente em contextos de pressão sobre o espaço cívico. Assim sendo foi frisada o aspecto solidariedade entre defensores, havendo a necessidade de construir mecanismos permanentes de protecção, apoio e resposta, especialmente para aqueles que trabalham directamente com comunidades e grupos em situação de maior vulnerabilidade.



A solidariedade foi apresentada não apenas como uma resposta a situações de emergência, mas como uma prática contínua baseada na partilha de informação, criação de redes, apoio mútuo e protecção colectiva. Esta abordagem esteve igualmente presente nos “Solidarity Labs” do simpósio, que abordaram, entre outros temas, resistência juvenil e protecção colectiva.

O segundo dia contou com uma abordagem voltada a Tecnologia, principalmente quanto a Resistência em espaços Digitais, esta abordagem envolveu organizações como a Digital Security Alliance, We Love Sapas, CIVICUS e Plataforma DECIDE.

As experiências partilhadas a partir de diferentes contextos, incluindo Moçambique, Zimbabwe e Malásia, permitiram discutir como activistas utilizam ferramentas digitais para comunicar, mobilizar comunidades, documentar situações e ampliar as suas mensagens.

Como por exemplo, o telefone, as redes sociais e outras plataformas digitais podem ser instrumentos de comunicação e protecção, mas também podem expor informações sensíveis, facilitar a vigilância ou colocar activistas e comunidades em situação de risco. Por isso, neste mesmo âmbito uma das principais mensagens foi a necessidade de fortalecer a segurança digital dos activistas, proteger informações sensíveis e compreender os riscos antes de utilizar determinadas ferramentas ou divulgar conteúdos.

As discussões deram igualmente atenção às mulheres defensoras de direitos humanos, reconhecendo o papel que desempenham na defesa dos direitos das mulheres e raparigas, na prevenção e combate à violência baseada no género e na promoção da igualdade, pois apesar da importância deste trabalho, muitas mulheres defensoras ainda enfrentam diferentes formas de pressão, incluindo ameaças, discriminação, violência e limitações de recursos, tendo sido destacada a necessidade de fortalecer redes de apoio, capacitação, protecção e espaços seguros, permitindo que as mulheres continuem a desempenhar o seu papel nas comunidades com maior segurança e autonomia.

Durante as intervenções, a juventude foi igualmente reconhecida como uma força importante de mobilização e transformação social: a participação juvenil não deve limitar-se à presença em eventos ou consultas pontuais, esta deve traduzir-se em espaços reais de influência, organização e contribuição para os processos de tomada de decisão.

Para os activistas que participaram do simpósio durante os três dias, a literacia digital e a verificação da informação tornam-se parte integrante da própria defesa dos direitos por conta do nível actual de desinformação

Este momento constituiu para os activistas, mais do que um espaço de debate, visto que o simpósio procurou criar condições para que as relações construídas entre activistas e organizações continuem depois do encontro.

E durante o terceiro dia esteve precisamente orientado para pensar como manter os movimentos activos depois do simpósio, incluindo a construção de planos de colaboração e de uma rede de solidariedade digital. Proteger quem está na linha da frente, fortalecer movimentos locais, apoiar a participação juvenil, criar redes de solidariedade, promover a segurança digital e garantir acesso a informação de qualidade são elementos essenciais para um espaço cívico mais seguro, participativo e inclusivo.

Outrossim, a segurança dos activistas foi outro dos temas discutidos, pois para além das ameaças e riscos que podem surgir no exercício do activismo, as sessões chamaram atenção para situações que acontecem dentro dos próprios espaços de activismo, incluindo o assédio.

A discussão permitiu reconhecer que os movimentos e organizações que trabalham pela defesa dos direitos humanos também precisam de criar ambientes seguros para as pessoas que deles fazem parte, e que a protecção não deve limitar-se aos riscos externos, mas deve incluir também a forma como activistas e organizações se relacionam internamente.

Outro assunto que mereceu atenção e análise esteve relacionado com mortes ocorridas no seio de partidos políticos, de forma concreta em Moçambique, levando os participantes a reflectir sobre as circunstâncias e os impactos que situações desta natureza podem ter sobre as pessoas, as organizações e o espaço político.

Estas discussões reforçaram a necessidade de falar sobre segurança de forma mais ampla, incluindo a protecção física e criação de ambientes de trabalho e activismo mais seguros

As discussões permitiram também reflectir sobre o papel das manifestações, dos protestos e de outras formas de participação social. Destacou-se a importância de olhar para estas formas de participação não apenas como momentos de contestação, mas também como meios de chamar atenção para problemas, denunciar situações e procurar mudanças. Neste processo, os activistas têm igualmente a responsabilidade de saber como documentar e comunicar as situações encontradas nas comunidades, garantindo que a divulgação dos problemas não coloque ainda mais em risco as pessoas envolvidas.

Foram também partilhadas histórias de pessoas que, mesmo enfrentando diferentes dificuldades, continuaram envolvidas na defesa dos direitos humanos e no bem-estar das suas comunidades, e estas experiências mostraram a importância da coragem, da persistência e da capacidade de continuar mesmo diante de situações difíceis no activismo. As histórias partilhadas serviram também de inspiração, principalmente para os jovens que estão a começar a envolver-se no activismo, pois as partilhas e trocas de ideais mostraram que o trabalho de um defensor pode influenciar outras pessoas e contribuir para que mais jovens tenham coragem de participar, organizar-se e defender os direitos das suas comunidades.





Ao longo dos três dias do Symposium 2026, também houve espaço para abordar questões relacionadas com a saúde mental, segurança e bem-estar dos activistas e defensores de direitos humanos, e além das sessões de debate, o simpósio contou com momentos de bem-estar, incluindo ginástica em grupo e yoga, que permitiram aos participantes fazer uma pausa, recuperar energias e criar momentos de convivência num ambiente marcado por discussões sobre desafios e riscos do activismo. O cuidado com a saúde mental foi entendido como parte importante da sustentabilidade do trabalho dos defensores.

Neste sentido, o simpósio contou igualmente com assistência psicossocial, com a presença de psicólogos, criando um espaço onde os participantes podiam ter o apoio e conversar sobre situações que afectam o seu bem-estar.

No final, ficou uma mensagem simples: cuidar dos activistas também faz parte da defesa dos direitos humanos. Criar espaços onde seja possível falar sobre medo, pressão, assédio, cansaço e outras dificuldades é igualmente importante para garantir que aqueles que defendem mudanças possam continuar o seu trabalho com segurança, dignidade e apoio, e ficou a ideia de que a defesa dos direitos humanos não deve ser feita de forma isolada. É preciso criar laços de solidariedade, apoiar quem está na linha da frente e continuar a construir espaços onde as pessoas possam participar e fazer ouvir as suas vozes, e a mensagem que emerge dos três dias é clara: defender os direitos humanos é uma responsabilidade colectiva, e a solidariedade no activismo não termina quando o simpósio termina, mas é a partir dela que os movimentos conseguem continuar a defender direitos, mesmo perante contextos cada vez mais complexos.

